

As diferentes faces da cultura popular brasileira na perspectiva da luta de classes

Las diferentes caras de la cultura popular brasileña desde la perspectiva de la lucha de clases

Maria Estela Ferreira
Ricardo Pereira Sepini
Universidade Federal de São João del Rei
São João del Rei - Brasil

Resumo

Este trabalho se refere à uma resenha crítica da quarta edição do livro “Conformismo e resistência” de Marilena Chaui (2014). Nesta célebre obra, Chaui nos convida a pensar de maneira crítica sobre os principais aspectos da cultura brasileira a partir da ótica do povo oprimido, dentro do contexto da luta de classes no Brasil ao longo dos anos. Fazendo uma profunda reflexão sobre os mecanismos de dominação e apropriação do capitalismo sobre manifestações populares de diferentes naturezas, Chaui nos mostra como a cultura pode ser interpretada tanto à luz do conformismo quanto da resistência da classe trabalhadora, que sobrevive em um mundo cujo pano de fundo é a exclusão, a desigualdade e a injustiça social.

Palavras-chave: Cultura; Política; sociedade.

Resumen

Este trabajo refiere a una revisión crítica de la cuarta edición del libro “Conformismo y resistencia” de CHAUI, Marilena (2014). En esta famosa obra, Chaui nos invita a pensar críticamente sobre los principales aspectos de la cultura brasileña desde la perspectiva del pueblo oprimido, dentro del contexto histórico y político de Brasil a lo largo de los años. Haciendo una profunda reflexión sobre los mecanismos de dominación y apropiación del capitalismo sobre manifestaciones populares de diferente naturaleza, Chaui nos muestra cómo la cultura puede ser interpretada tanto a la luz del conformismo como de la resistencia de la clase trabajadora, que sobrevive en un mundo cuyo telón de fondo es la exclusión, la desigualdad y la injusticia social.

Palabras clave: Cultura; Política; sociedad.

Introdução

“Conformismo e resistência” é uma ilustre obra produzida pela filósofa Marilena Chauí, que apresenta um compilado de textos oriundos de seus estudos sobre a cultura popular brasileira. Publicado no ano de 2014, pela Editora Fundação Perseu Abramo, o volume quatro do livro traz uma importante análise crítica sobre a construção cultural da sociedade brasileira e os principais aspectos que influenciam sua manifestação, como os fatos históricos e a luta de classes. A autora faz reflexões sobre como a cultura material e imaterial pode ser uma expressão que vagueia ora por mecanismos de resistência, ora pelo conformismo frente a situações de injustiça ou de conflitos sociais.

De que maneira a cultura popular foi desenvolvida e designada ao longo do processo de construção do Brasil e como é vista em diferentes vertentes de estudiosos, políticos e pela própria população brasileira são questionamentos que direcionam análises sabiamente pontuadas por Chauí. Além do estudo crítico sobre a estrutura histórica e política da sociedade brasileira, “Conformismo e resistência” nos desloca temporalmente para fatos que marcaram a história do Brasil e influenciaram as diversas formas de expressão cultural em diferentes populações. O livro é dividido em quatro partes, contendo pertinentes discussões que trazem ao leitor uma série de análises sobre o processo de desenvolvimento cultural do Brasil a partir da perspectiva da classe trabalhadora ou dos explorados pela classe dominante.

Logo na primeira parte, a autora faz uma ampla descrição sobre diferentes definições da palavra cultura, considerando os conceitos trazidos por renomados autores como Kant, Voltaire, Raymond Williams, Hannah Arendt, Marx, Hegel, Gramsci e Merleau-Ponty. Em síntese, ela faz uma distinção entre a visão Ilustrada e a visão Romântica sobre a cultura popular. A primeira, influenciada pela ciência e a racionalidade, acredita que a cultura pode servir como um instrumento de divisão social, o qual medirá o nível de cultura de uma população de acordo com sua capacidade intelectual; portanto, são considerados cultos, apenas os indivíduos escolarizados. Em contrapartida, a visão Romântica traz uma perspectiva de cultura baseada na manutenção de costumes e tradições do passado, com forte resistência à mudança de comportamentos influenciados pela modernidade. Paralelamente a essas duas perspectivas, Marx relaciona o processo cultural com a luta de classes, enquanto Gramsci relaciona a cultura popular com o conceito de hegemonia, ou seja, é um processo ou expressão do “modo de ver” o mundo influenciado pelo pensamento universal e consciente da subordinação da classe dominada pela classe dominante.

Nessa primeira parte do livro, as análises sobre cultura popular são trazidas à luz da dicotomia entre o conceito de “massa” e “popular”, que para Chauí são distintas e representam abordagens peculiares dentro do contexto social, principalmente o brasileiro. A cultura de massa – um termo muito utilizado pelas elites – carrega em si uma ideia de unificação e padronização das práticas populares, ignorando as diferenças sociais e as peculiaridades inerentes a variados grupos que compõem a população brasileira. O domínio das mídias pelo monopólio de grupos elitizados colabora para esse conceito e propõe que as “camadas inferiores” da sociedade sejam facilmente manipuláveis e alienáveis devido a sua ignorância e passividade. Ainda que a história nos traga episódios em que a manipulação midiática demonstra um clássico exemplo de conformismo social, é possível observar exemplos de resistência, como é o caso da Rádio Favela em São Paulo: uma rádio popular e independente, construída e operada pelos moradores da favela do Rosário, cujo foco era informar a população com noticiários próprios, entreter com radionovelas produzidas pelos moradores e propagandear o comércio da região. Funcionava como principal meio de comunicação da favela na época, mas em uma análise social mais específica, pode ser interpretada como uma potente ferramenta de resistência frente ao poder midiático comandado por uma minoria intelectual e elitizada das mídias convencionais. Acusada de pirataria, a rádio foi interdita e proibida de funcionar.

A autora nos faz refletir, ainda nessa primeira parte do livro, sobre o autoritarismo da sociedade reproduzido de maneira explícita em práticas repressivas do Estado e implicitamente nas entrelinhas que compõem sua estrutura. Os resquícios de uma sociedade gerada no berço da colonização, da escravidão, do poderio militar no período da ditadura e do avanço do pensamento da política liberal são aspectos históricos que reforçam o autoritarismo social e refletem na maneira como a sociedade se comporta.

Um fato histórico que claramente deixou rastros e ainda contribui para o autoritarismo social foi o período ditatorial. Além de reforçar o pensamento nacionalista na época em que foi instituído, impunha o poder perante a sociedade por meio de atos repressivos e truculentos. A ideia de unificar a nação e dela formatar uma cultura única, centrada no civismo e no nacionalismo, sem considerar a diversidade cultural e étnica que compõem a sociedade brasileira foi um verdadeiro massacre das expressões culturais. O controle estatal sobre a produção cultural popular foi e ainda é uma estratégia que reforça esse pensamento e pode

As diferentes faces da cultura popular brasileira na perspectiva da luta de classes

ser observado, por exemplo, no futebol, que durante a ditadura militar foi utilizado como difusor do pensamento nacionalista e do espírito de patriotismo. Ainda hoje, o tão aclamado esporte do povo é alvo de grandes empresas e investimentos milionários, os jogadores são vistos como cifras descartáveis e os torcedores (cegos pela paixão nacional) não ousam questionar as estruturas que compõem essa lógica.

O carnaval é outra expressão cultural de base popular cuja apropriação durante a ditadura serviu para a manutenção da autoridade estatal, uma vez que, nessa época, até o samba enredo era obrigado a passar pelo crivo da censura. Além disso, sua manifestação, que outrora não demandava divisões sociais, agora, comandada por financiamentos estatais e privados, é mais um produto com função mercadológica e segregacionista. A sociedade autoritária é, portanto, resultado das diversas formas de opressão exercidas pelo Estado: no período ditatorial, pela imposição do poderio militar e dos padrões nacionalistas (sobretudo no setor cultural); atualmente, pelas bases ideológicas do neoliberalismo, que pretendem dissolver as práticas coletivas para o surgimento de um sujeito independente e auto gestor de si mesmo. Todo esse cenário abre espaço e influencia diretamente na maneira como a sociedade e os grupos se organizam: verticalmente hierarquizados, seguindo a mesma dinâmica imposta pelos grupos detentores do poder.

Na segunda parte do livro, a autora nos apresenta uma pertinente discussão sobre a concepção de conhecimento partindo do viés subjetivo filosófico, em contraposição com o viés objetivista da ciência. Para Chauí, a ideia de poder e dominação pode estar associada à ideia de conhecimento adquirido, portanto, entender a lógica que envolve a produção de conhecimento em diferentes esferas é fundamental para a compreensão das relações de força que existem entre as classes sociais. Embora o método científico seja elaborado a partir de práticas objetivas cujo mecanismo se desenvolve na tentativa de evitar julgamentos parciais, seus autores são pessoas repletas de subjetividades, ou seja, é possível existir uma tendência na produção do conhecimento científico. Assim, o processo de construção do conhecimento pode ser direcionado para satisfazer as necessidades de um grupo específico da sociedade na busca pela manutenção do poder. O saber considerado oficial, realizado na esfera da ciência, exprime a necessidade de racionalizar as relações e desconsiderar, sobretudo, o saber típico ou tradicional advindo das camadas populares. Por sua vez, a população detém um saber próprio, herdado de seus antepassados ou pela própria experiência do ato de viver. O saber popular cria suas próprias relações e ferramentas para

sobreviver em uma sociedade excludente e sem acessos. As manifestações religiosas, assim como a articulação comunitária, são também mecanismos de resistência encontrados pelas populações para garantir o mínimo de dignidade.

Na terceira parte do livro, Chaui apresenta um compilado de resenhas de variados livros que analisam criticamente alguns fatos históricos e situações políticas que demonstram na prática a construção da sociedade autoritária brasileira. Começando com o “Silêncio dos Vencidos” – obra clássica do autor Edgar Salvadori De Decca, que remonta a revolução de 1930 –, a autora analisa aspectos que evidenciam o silenciamento e o desmonte do movimento de resistência da classe operária antes e durante esse marco histórico. Além disso, o livro questiona o viés reforçador científico que coloca representantes do setor industrial como revolucionários e aniquilam o histórico de luta vivenciado pelos representantes da classe operária. Da religião à filosofia, Chaui desenha um caminho temático que vai desembocar na quarta parte do livro, na qual seus textos publicados na década de 1980 serão retomados como um prisma histórico revelador de estratégias políticas de dominação que se perpetuaram ao longo dos anos.

A autora inicia a quarta e última parte do livro questionando a deslegitimação da luta de classes de origem popular. Ao mesmo tempo em que a legislação proíbe a duras penas o levante popular contra a opressão das classes dominantes, ela legitima descaradamente os abusos praticados por patrões e políticos, por meio de decretos trabalhistas que favorecem os lucros e exploram a classe trabalhadora. A luta de classes está presente nas desigualdades sociais, na impossibilidade de participação da população em decisões políticas, nas legislações trabalhistas que garantem menos que o mínimo de dignidade nas relações de trabalho e na lógica exploratória da mão de obra do trabalhador no cenário capitalista.

Em suma, a última parte do livro é uma verdadeira denúncia aos esquemas políticos evidenciados em práticas perversas baseadas na retirada de direitos conquistados pela população, na exclusão social de serviços básicos à sobrevivência humana, na prática exploratória do trabalho, na alienação sutilmente arquitetada pelo Estado maquiando a injustiça social, contribuindo para a manutenção da ideologia dominante, dentre outros aspectos ocorridos no passado, porém que permanecem sustentando essa estrutura até os dias de hoje. Portanto, Chaui nos oferece em sua obra um verdadeiro estudo multidisciplinar que analisa minuciosamente a práxis da cultura popular, que se reinventa à sua maneira e cria

mecanismos de resistir e se perpetuar em um Brasil dominado pela exploração capitalista e pelas desigualdades sociais. É um livro que nos revela, sobretudo, a necessidade de ampliação do pensamento político das classes sociais, dos movimentos de resistência e do fortalecimento de grupos que possam representar as reais necessidades do povo brasileiro e exigir de maneira equânime a distribuição de direitos em todas as camadas da população.

Referências

CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Sobre os autores

Maria Estela Ferreira

Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Processo Socioeducativo e Práticas Escolares (PPEDU) da UFSJ. Integrante do grupo de estudos e pesquisas GPECTHUS e LEBIO da UFSJ. Tem experiência na área da educação, com ênfase em educação em Ciências e Biologia.

E-mail: mariaestelabiologia@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3700-9571>

Ricardo Pereira Sepini

Licenciado em Ciências Biológicas pelo Centro Superior de Ensino e Pesquisa de Machado (CESEP-MG) e em Pedagogia pela Universidade de Franca (UNIFRAN-SP). Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL-SP). Professor adjunto II na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Vice-coordenador e professor orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSJ (PPEdu). É líder do Grupo de Pesquisa LEBIO, sendo também vice-líder do Grupo de Pesquisas (GPECTHUS) da UFSJ.

E-mail: ricardopsepini@ufsjeu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4498-9565>

Recebido em: 31/03/2025

Aceito para publicação em: 16/04/2025